

FOCO NO APRENDIZ:

**ORIENTAÇÃO SOBRE O COMPORTAMENTO BORDERLINE PARA
ESTUDANTES E PROFESSORES DO ENSINO MÉDIO**

Ana Gabriela Cavalcante Pereira Santos Costa ¹

RESUMO

Ao reconhecer o estudante como cidadão que deve participar de forma ativa da sociedade, é necessário proporcionar atividades que auxiliem no desenvolvimento humano. Assim, este trabalho busca destacar a necessidade de intervenções a partir de observação no contexto da sala de aula, por isso apresenta considerações sobre um evento desenvolvido para estudantes, a partir da quantidade de casos de comportamento borderline frequente entre os adolescentes. Com embasamento teórico-empírico seguido de intervenção em aspectos negativos que afetam a vida de muitos jovens em idade escolar, a automutilação. Os resultados confirmaram a necessidade de suporte profissional e revelaram que momentos de discussão na escola, para além do conteúdo, pode reverter situações de indisciplina, intolerância escolar, e tem potencial para prevenir o suicídio, que cresce a cada dia. Isto reforça a importância do olhar pedagógico profundo pelo docente, que deve estar atualizado para intervir adequadamente, junto com a gestão escolar, em problemas do contexto psicológico e educacional do aprendiz.

Palavras-chave: Intervenção Pedagógica, Psicologia Educacional, Automutilação na escola.

INTRODUÇÃO

Durante a participação nas atividades de ensino em escolas de rede pública pelo Projeto Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), observou-se em duas escolas estaduais do município de Maceió, capital do estado de Alagoas, ocorrência de comportamento de automutilação praticada por discentes do Ensino Médio. Em seguida, nas práticas do estágio de observação e regência, direcionado para turmas do Ensino Médio, em escola da mesma rede em uma cidade vizinha, também houve casos desta prática.

Em decorrência da quantidade de casos percebidos, tomou-se como prioridade o desenvolvimento de um momento de orientação, para que os estudantes pudessem, através de informações, ter autonomia, confiança e tomada de decisão para buscar ajuda para si ou para colegas. E com isso, torna-los cidadãos humanizados e psicologicamente saudáveis para desenvolver-se cognitivamente e socialmente. Ao passo que os professores, que também se fariam

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática da Universidade Federal de Alagoas - UFAL, gabicavalcantebio@gmail.com.

presentes, poderiam sentir-se mais motivados e interessados para aspectos que estão além dos conteúdos de cada disciplina.

Entretanto, a necessidade de profissionais competentes para atuarem na intervenção se fez eminente. Dessa forma, além de aprofundamento em pesquisas nessa área por professores e estagiária - autora deste artigo, incentivadora da intervenção - a figura de um psicólogo especialista, assim como uma professora especialista em psicopedagogia clínica e institucional se fizeram presente, em compromisso voluntário, oferecendo informações e suporte ao problema escolar.

Isto porque, o comportamento de automutilação é algo complexo, mas intimamente relacionado ao transtorno de personalidade Borderline. Estudiosos mencionam algumas características clínicas deste, apesar de variarem conforme seu grau, associada ao sentimento de fuga ou por carência afetiva (DOLGOLORRONDO; VILELA, 1999).

Para a Teoria da Educação de Novak, a educação é o conjunto de experiências cognitivas, afetivas e psicomotoras, que contribuem para o engrandecimento do indivíduo para lidar com a vida diária (MOREIRA, 1999). Por isso, fatores recorrentes nas escolas não podem ser ignorados, mas medidas precisam ser tomadas, por mais simplórias que sejam, desde que sejam planejadas e desenvolvidas em acordo com a gestão escolar e que conte com apoio profissional competente para lidar com a temática, sem prejudicar e apenas acrescentar.

Assim, está claro para as salas de aula da atualidade, a necessidade de um supervisor com olhares mais amplos para seus alunos, que os observe e oriente. Essa orientação do professor deve ser constante e ser capaz de proporcionar momentos de reflexão em conjunto, responsabilizar o aluno pelo que diz e escreve e acompanhar todo o processo (DEMO, 2007).

Pensando nisto, este trabalho tem como problemática: de que maneira a escola pode intervir para amenizar o problema do comportamento de automutilação entre adolescentes? Desse modo, o objetivo deste artigo é apresentar resultados de uma intervenção escolar para jovens do ensino médio sobre o comportamento borderline e outros fatores psicológicos que podem interferir no processo de aprendizagem. Momento proporcionado através da disciplina de Estágio Supervisionado do curso de Ciências Biológicas (Licenciatura) da Universidade Federal de Alagoas. Enquanto os objetivos específicos são: apresentar importância da observação e intervenção dos professores em sala de aula; discutir a automutilação como fator preocupante para jovens do ensino médio.

Ao longo de um pouco mais de 50 horas de observação e ministração de aulas em uma escola estadual do interior do estado de Alagoas, foco do estágio de regência, pôde-se destacar o comportamento de autoflagelação recorrente na escola. Tal ocorrência ganhou maior enfoque devido à ocorrência de suicídio na escola no ano anterior as observações, sendo uma aluna que tinha hábitos de automutilação.

Apesar disso a escola não apresentava apoio profissional para os estudantes, o que é comum em muitas escolas públicas e particulares do estado. No entanto, o comportamento de automutilação não havia sido inédito nesta instituição, mas também em outras duas escolas de rede estadual em Maceió, capital de Alagoas, observado durante outros estágios e na participação do PIBID (Programa Institucional de Bolsa de iniciação à Docência) por três anos. Para Barreiro e Gebran (2006, p. 95):

“O contato com todos os sujeitos inseridos no contexto escolar permite que, por meio de suas falas e de suas ações, o aluno estagiário visualize possibilidades de sua inserção na busca de resolução de determinadas situações-problema. Esse processo propicia compreender o espaço escolar como espaço de formação individual e coletiva”.

A busca por esclarecimentos e discussões aprofundadas, tornou eminente a necessidade de contatar um profissional apto para tratar de tal tema com maior propriedade, foi por tanto solicitado a presença de um psicólogo para atuar em conjunto com professores e alunos sobre o tema: comportamento Borderline. Foi elaborado, pois, um momento de reflexão e discussão com discentes e docentes em uma escola de rede estadual, a qual sofreu a perda trágica de um de seus alunos por suicídio, e houveram recorrências de automutilação nas salas de aula. Também houve a presença de uma psicopedagoga para abordar a aprendizagem.

Diante desta situação, optou-se por uma abordagem humanística, que prioriza a afetividade e intervenção competente, como princípio educativo. Não haveria possibilidade de ensinar apenas o conteúdo, ignorando tal fato recorrente. Por tanto, para a aplicação da intervenção foi feito um planejamento em conjunto com psicólogo especialista em redes de atenção psicossociais e a professora de letras especialista psicopedagogia clínica e institucional.

Para debater o tema durante uma manhã, para turmas do 3º ano do Ensino Médio, todos foram avisados previamente e discutido a importância de momentos como esse que seguia. O evento teve como público o corpo docente, proporcionando um momento de formação continuada, e para os alunos, trazendo discussões importantes sobre o tema e suas influências para a aprendizagem.

O que se observou sobre automutilação precisou de um enfoque maior sobre o transtorno *borderline*, mas também foram abordados outros transtornos de personalidade e outros fatores psicológicos que pudessem prejudicar a vida dos adolescentes em seu meio social e sua aprendizagem.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A categoria diagnóstica do transtorno *borderline* surge na clínica psiquiátrica e psicanalítica em meados da década de 50 (MASTERSON, 1972). “O quadro tem sido frequentemente diagnosticado em adolescentes e adultos jovens com comportamento impulsivo e/ou autodestrutivo, uso de drogas e com problemas sérios de identidade, notando-se um predomínio no gênero” (APA, 1994 Apud DALGALARRONDO E VILELA, 1972, p.53).

“A personalidade *borderline* é um grave transtorno mental com um padrão característico de instabilidade na regulação do afeto, no controle de impulsos, nos relacionamentos interpessoais e na imagem de si mesmo” (CARNEIRO, 2004, p. 66).

A evolução do quadro clínico a longo prazo ainda é pouco conhecida, porém é intrigante que tal diagnóstico seja menos frequente em adultos depois dos quarenta anos e em idosos. Talvez seja um indício de que o transtorno de personalidade *borderline* seja um distúrbio próprio de adolescentes e adultos jovens, e que no adulto maduro e no idoso esse perfil de personalidade tomaria “um outro rumo” (DALGALARRONDO E VILELA, 1972, p. 65).

Tal comportamento pode ser intensificado e necessita de atenção e cuidados que podem vir da escola, quando apresenta psicólogos, mas devido ao contato maior com os professores, estes devem estar preparados para observar e fazer uma prática inclusiva para os estudantes.

A característica mais frequente e saliente do comportamento dos pacientes *borderline* é o caráter impulsivo e autodestrutivo de seus atos. O termo autodestrutivo é usado para indicar um largo espectro de comportamentos que resultam ser autodestrutivos, embora seu objetivo inicial, às vezes, não seja esse. Exemplos incluem a promiscuidade sexual e perversões na busca de afeto, a automutilação com o objetivo de manipulação dos outros, de chamar a atenção e envolvimento com drogas, na tentativa de obter uma entidade provisória (de “viciado”) ou, simplesmente, como forma de fuga e evitação de sentimentos de abandono (DALGALARRONDO E VILELA, 1972, p. 67).

A autoflagelação ou automutilação, é considerado por Oliveira (2016, p.1) como "ato voluntário de agredir o próprio corpo com cortes, queimaduras, perfurações e pancadas sem a intenção consciente de suicídio." De acordo com DSM – V1 este comportamento pode estar

associado com a tentativa de reduzir emoções negativas como tensão, ansiedade, autocensura e/ou uma dificuldade interpessoal.

Ademais, Jatobá (2010), afirma que a automutilação é um tema que exige reflexão e pesquisa pelo crescente número de adolescentes que cortam o próprio corpo como forma de alívio psicológico. Além disso, já foram divulgados muitos casos dos quais jovens que praticavam deste tipo de agressão ao próprio corpo chegaram a cometer suicídio.

Com os avanços em pesquisas voltadas para educação deve perceber o aluno como cidadão, de fato, sujeito que precisa compreender o mundo ao seu redor, mas também como sujeitos em desenvolvimento que necessitam de atenção e orientação.

Assim, é “fundamental que o aluno passe de objeto a sujeito, implicando nesse processo a participação plena do aluno que, no fundo, deixa de ser aluno e passa a ser parceiro de trabalho” (SCHWARTZ, 2004, p. 167). “O próprio conceito de sujeito significa também o aprimoramento da individualidade, oportunidades pessoais, identidade psicológica e social” (SCHWARTZ, 2004, p. 161).

Os transtornos de personalidade, de modo geral, são considerados bastante frequentes pela epidemiologia psiquiátrica. Segundo Gunderson & Phillips (1995)³³, estima-se que aproximadamente 10 a 13% da população geral, quando investigada com instrumentos epidemiológicos, preenche os critérios diagnósticos para transtorno de personalidade. Casey (1988)³⁴, identificou uma prevalência de cerca de 4% para as formas mais graves de transtorno de personalidade (incluindo o transtorno borderline, a sociopatia, e outros transtornos de personalidade com intenso distúrbio nas relações interpessoais, hostilidade extrema, comportamentos auto e heterodestrutivos marcantes etc.). As taxas são mais altas nos estratos mais pobres da população e em comunidades marginalizadas, onde predomina a violência e a desagregação familiar (DALGALARRONDO E VILELA, 1972, p. 67).

Apesar de ter sido tratado o comportamento borderline como destaque nesta intervenção, foi deixado claro que não são todos os que cometem automutilação que apresentam este transtorno, além de que o foco nunca foi diagnosticar, mas tratar da temática que ronda a os fatos recorrentes na escola. Desse modo, além deste transtorno foram citados outros aspectos psicológicos e pedagógicos.

O momento proporcionado, não pode ser chamado de palestra porque foi muito além de informativo e promoveu muito mais que discussões. A concentração e aproveitamento do público para perguntas e dúvidas superaram as expectativas. Até mesmo os professores e membros da gestão reconheceram tamanha importância do evento, pois muitos não reconheciam a relevância de apoio psicológico, tampouco de órgãos de apoio gratuito. Nesse quesito, além de ajudar aos alunos, foi um momento de formação continuada.

Segundo Pimenta e Lima (2005/2006, p. 21) “o estágio prepara um trabalho docente coletivo, uma vez que o ensino não é um assunto individual do professor, pois a tarefa da escola é resultado das ações dos professores e das práticas institucionais, situadas em contextos sociais, histórico e culturais”.

[...] Na formação permanente do professor, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de hoje e de ontem que se pode melhorar a próxima prática. O próprio discurso teórico, necessário à reflexão crítica, tem de ser tornado concreto que quase se confunde com a prática (FREIRE, 1998, P. 43-44).

Tomando a importância, reconhecida hoje, de uma abordagem cognitivista, é importante dá ênfase aos processos mentais, mas não somente quanto a organização de informações no cérebro, mas também os aspectos psicológicos que podem estar envolvidos. Dado que, conforme Moreira (1999), estratégias cognitivas são maneiras por meio das quais o aprendiz dirige sua própria aprendizagem, seu pensamento, suas ações e seus sentimentos.

A presença do psicólogo além de trazer maior seriedade para a discussão, por ser o profissional mais adequado para discutir o tema de saúde mental no âmbito escolar, com enfoque na abordagem *borderline*, também promoveu desconstrução do psicólogo como atendente de louco. Apesar de ser algo já desmistificado, é um pensamento frequente, e muitos ainda tratam o problema de automutilação como “frescura” ou ato para chamar atenção.

Dada a devida importância aos casos que vêm ocorrendo, este evento teve efeito disseminador, atingindo não somente aquele que sofre do comportamento *borderline* ou apenas automutilação, mas aquele que conhece alguém que pratica. Também foram ressaltar outros fatores “de risco” para a mente de professores e alunos. Sendo notificados órgãos públicos de assistência a pessoas que se encontram em fragilidade psíquica. Ao final, muitos pediram novamente o contato dessas instituições, entre outras informações.

A psicopedagoga teve o papel essencial de interligar a aprendizagem ao tema de discussão e trazer esclarecimentos sobre sua complexidade e formas de fazê-la sem que se torne algo mais desgastante e causador de mais problemas psíquicos. Trazendo, a organização do tempo de estudo e técnicas de aprendizagem que auxiliariam ao longo da formação deles.

O público alvo, alunos, professores e outros funcionários da escola, compreenderam melhor a sensibilidade mental e a necessidade de um olhar diferenciado e pedagógico para sinais de abalo à saúde psicológica, a fim de dar atenção especial e providenciar cuidados adequados, tal como seria feito diante de problemas físicos, afinal é de responsabilidade, principalmente dos professores proteger e auxiliar seus alunos. Visto que, para Gané (Apud

MOREIRA, 1999), processos externos ativam aqueles internos de aprendizagem. Logo, as atividades dos professores se estendem aos conteúdos e podem ser motivadoras ou intensificadoras de “bloqueio” para a aprendizagem.

Os depoimentos dos estudantes, a curiosidade sobre o tema, até mesmo pergunta por locais em que podem ser atendidos, demonstrou segurança, conscientização e aprendizagem por parte dos alunos. Os professores ficaram muito gratos pelo momento propiciado por uma aluna de graduação em seu estágio e voluntariado dos profissionais que fizeram parte.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dentro da sala de aula, mais que ninguém, os professores podem fazer análises não só do que os alunos aprendem, mas de outros fatores que podem interferir na aprendizagem, promovendo, posteriormente, momentos de intervenções pertinentes. O olhar exclusivo para o ensino, se distancia da realidade do aluno e, por tanto, da aprendizagem. Por isso, as contribuições desse momento de esclarecimentos e discussões promoveram reflexão sobre o psicológico, aquilo que é abstrato e pouco caso se faz dele. A partir das pesquisas, intervenção e discussões foi possível compreender que a aprendizagem também é abstrata e extremamente importante e complexa, sendo por tanto importante compreender melhor a si próprio para aprender melhor.

As pesquisas bibliográficas e o momento de intervenção destacaram a necessidade de intervir com apoio psicológico em escolas, principalmente as públicas. Visto que é no ensino médio em que os discentes encontram-se na adolescência, maior apoio pedagógico e psicológico se faz necessário para reduzir significativamente o número de casos de automutilação, e amenizar os casos de comportamento *borderline*.

Buscar apoio em outras áreas, como a psicologia, a psicopedagogia clínica e institucional, entre outras, é reconhecer a complexidade da educação e valorizar as possibilidades de abrir as salas para momentos de reflexão em grupos das mais variadas áreas de conhecimento, promovendo a transdisciplinaridade. Mas para isso é necessário a prática da investigação na sala de aula. Quanto mais esta investigação for estimulada pelos professores das disciplinas de Estágio Supervisionado nos cursos de Licenciatura, melhores educadores serão formados.

Momentos de discussão para além dos conteúdos, trazem sentimento de cuidado e “abraça” os jovens, que tendem a se conhecer melhor, alertam-se para novas possibilidades de um estilo de vida tranquilo e feliz. Mas também traz um aspecto disseminador, pois aquele que

compreende a relevância e a necessidade de cuidados com a “mente” se cuida e cuida do próximo, aprende e ensina.

Além disso, os professores que, por vezes desconhecem certos problemas que interferem na aprendizagem, e a partir dessa intervenção tiveram a oportunidade de conhecer e continuar sua formação. Logo, é imprescindível momentos que fujam da rotina e atendam as demandas observadas pelos professores para o engrandecimento da escola em sua totalidade.

REFERÊNCIAS

CARNEIRO, L. F. L. Borderline: no limite entre a loucura e a razão. **Ciências & Cognição**. v. 3, p. 66-68, 2004.

CARVALHO, A. M. P. Critérios estruturantes para o ensino das ciências. In: _____ (Org) **Ensino de Ciências: unindo a pesquisa e a prática**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, p 1-17, 2004.

DALGARRONDO, P.; VILELA, W. A. Transtorno borderline: história e atualidade. **Revista Latino-americana de Psicopatologia Fundamental**, v. 2, n. 2, p. 52-71, 1999.

DEMO, P. **Educar pela pesquisa**. Campinas: Autores associados, 2007.

DSM-V. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais**. Porto Alegre: Artmed; 2014.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2007.

JATOBÁ, M. M. V. **O ato de escarificar o corpo na adolescência: uma abordagem psicanalítica**. 2010.

KAUARK, F. S.; MANHÃES, F. C.; MEDEIROS, C. H. **Metodologia da pesquisa: um guia prático**. Via Litterarum. Itabuna, Bahia, 2010.

LIMA, V. M. R. **Pesquisa em sala de aula: tendências para a educação em novos tempos**. Porto Alegre: EDIPUCRS, p. 275-292, 2002.

MASTERSON, J. F. Psicoterapia intensiva del adolescente con un Síndrome Borderline. In: **El adolescente borderline**. Cuadernos de la ASAPPIA. Buenos Aires, Kargieman, 1972.

MORAES, R.; GALIAZZI, M. C.; RAMOS, M. G. **Pesquisa em sala de aula: fundamentos e pressupostos**. 2011.

MOREIRA, M. A. **Teorias de Aprendizagem**. São Paulo: EPU. 1999.

OLIVEIRA, T. A.; ARAÚJO, M. A. **Automutilação do corpo entre adolescentes: um sintoma social ou alerta de transtorno mental?** Repositório Institucional – Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública. Salvador, 2016. Disponível em <

(83) 3322.3222

contato@conapesc.com.br

www.conapesc.com.br



<http://www7.bahiana.edu.br/jspui/bitstream/bahiana/326/1/TCC%20gravar%20%28Tain%c3%a1%20Oliveira%29.pdf> >.

POZO, J. I.; CRESPO, M. A. G. **A aprendizagem e o ensino de Ciências:** do conhecimento cotidiano ao conhecimento científico, v. 5, p. 29-45, 2009.

SCHWARTZ, S. **De objetos a sujeitos da relação pedagógica:** a pesquisa em sala de aula. In:

MORAES, R.; LIMA, V. M. R. (Orgs.). **Pesquisa em sala de aula:** tendências para a educação em novos tempos. 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.